

# O PROGRESSO TÉCNICO NA IDADE MÉDIA

Ênio José Toniolo

Em geral, os historiadores mostram grande má vontade para com o período medieval: Teria sido uma época de superstição e atraso, estagnação e crueldade. É uma visão certamente preconceituosa, causada pelo ódio à influência exercida naquela época pela Igreja Católica tradicional, de cujo espírito estavam impregnadas, em maior ou menor grau, todas as instituições.

Todavia, a Idade Média foi época de muitos inventos, grandes e pequenos, de cuja origem às vezes não se suspeita. Vejamos, por exemplo, o setor de transportes.

Com o desenvolvimento dos mastros, a junção da vela latina e da vela quadrada, a multiplicação dos remadores nas galeras, o reforço do casco por meio de um esporão robusto, obtiveram-se melhores condições de navegabilidade. (Perroy, 1957 : 177). Contudo, maior progresso alcançou-se no século XIII, ao generalizar-se o leme de cadaste, que veio substituir o pesado remo situado na popa do navio, permitindo uma direção mais segura de embarcações muito maiores. (Wolff, 1988: 146; Heers, 1968 : 255). “Devido à pressão exercida pela vela de proa sobre o leme, tornou-se necessário um certo contrapeso mais a ré. Isso levou ao acréscimo de um terceiro mastro na popa conhecido como mastro de mezena. A primeira ilustração datada de uma carraca de três mastros é de 1466. No final da Idade Média algumas dessas embarcações tinham 60 metros de comprimento com uma boca de 15 metros e uma capacidade de cerca de 1.400 toneladas.” (Hodgett, 1975 : 131) A invenção do leme (desconhecido na civilização greco-romana) e da bússola provocaram o ciclo das descobertas dos séculos XV e XVI. (Fonseca, 1958 : 273-274). É quando aparecem as primeiras cartas marítimas (Giordani, 1993 : 324), invenções que, associadas ao astrolábio, permitiram a navegação em alto-mar. (Vianna, 1962 : 620). Atribui-se ao Papa Silvestre II a invenção, ou talvez a introdução, a partir do mundo islâmico, do astrolábio “para medir a altura dos astros sobre o horizonte, da esfera sólida destinada a estudar os movimentos ce-lestes e do primeiro relógio mecânico acionado por pesos. As conseqüências foram incalculáveis.” (Puiggrós, 1965 : 173). O astrolábio, de início ainda rudimentar, aperfeiçoou-se pouco a pouco: Presença dos azimutes, aparecimento do ostensor, exatidão na gradação da eclíptica. (Beaujouan, 1959 : 130). Em 1434, surge a caravela em Valença. (Wolff, 1988 : 237). Nos Países Baixos, apareceu a eclusa; constituída por uma câmara com portas em cada extremidade, possibilitava a passagem da embarcação de um nível de água para outro. Canais e eclusas surgiram em Flandres e na Holanda já no século XII. (Hodgett, 1975 : 132).

No século XI, os europeus começaram a usar ferraduras nos animais; isto lhes aumenta a vida útil e, com a utilização da carreta de quatro rodas, possibilita um distanciamento maior entre a aldeia e os campos. (Silva, 1986 : 47). “Do século X ao século XII, generaliza-se no Ocidente o moderno atrelamento dos animais, a coelheira dura, os tirantes, a disposição em fila e a ferragem com pregos: desde então os cavalos podem tirar com toda a sua força e peso, em vez de erguerem a cabeça, semi-estrangulados, como ‘os altivos corcéis’ da Antiguidade. (...) o jogo dianteiro móvel data

do século XIV e permitirá a tração das peças de artilharia recém-inventadas.” (Beujouan, 1959 : 143). A adoção generalizada da coelheira possibilitou o atrelamento aos arados de cavalos em lugar de bois, uma mudança que ocorreu por volta de 1200. Os bois também passaram a ser utilizados com maior eficiência através da invenção da canga frontal, pois esta deu-lhes mais força de tração que a anterior, presa nos chifres. (Hodgett, 1975 : 220). Surge um pequeno objeto, na aparência evidente — mas totalmente desconhecido na Antiguidade: o estribo, graças ao qual o cavaleiro podia empunhar a sua arma com muito mais força e confiança. (Trevor-Roper, 1966: 102-104).

A pavimentação das estradas, mais fácil e mais econômica, substituiu com vantagem o lajeamento das vias romanas. O São Gotardo, por tanto tempo intransponível, transformou-se em via de trânsito, através da primeira ponte pênsil de que se tem conhecimento, datada provavelmente do início do século XIII. (Pirenne, 1982 : 39). Por outro lado, o túnel de estrada mais antigo, o do Monte Viso, com de cerca de cem metros, foi construído entre 1478 e 1480, com a finalidade de facilitar o transporte do sal da Provença. (Wolff, 1988 : 144). Foi inventado também esse aparelho extraordinário, o carrinho de mão, que permite a um homem realizar o trabalho de dois. (Fremantle, 1970 : 125; Vianna, 1962 : 621)

Nas cidades, a calçada destinada aos pedestres introduziu-se a partir de 1185 em Paris, 1235, em Florença, 1310, em Lübeck. (Mumford, 1965 : 401). As ruas largas não eram necessárias, “pois havia pouco tráfego sobre rodas, e nenhum exigia trânsito rápido.” (Hodgett, 1975 : 71). São também criações medievais a chaminé doméstica, a vela e o círio. (Vianna, 1962 : 621)

A partir do século X, os cursos d’água são regulados, cortados por desvios, barragens e quedas destinadas a movimentar moinhos de cereais e lagares. A roda d’água era tão utilizada que na Inglaterra de Guilherme o Conquistador (século XI) contavam-se cinco mil. Foi usada em toda a parte, para bombear água, serrar madeira, pulverizar o pigmento das tintas e o malte da cerveja, acionar máquinas, triturar minérios, forjar ferro, espichar arames... Com ela, a escavação das minas ultrapassou em muito os 800 metros de profundidade. (Puiggrós, 1965 : 179; Hodgett, 1975: 28). Aprimoraram-se as engrenagens e outros dispositivos mecânicos. Surge o fole com placas e válvulas. “No fim da Idade Média, o alto-forno possibilitou a fabricação do ferro fundido. Essa foi a invenção mais importante da indústria metalúrgica. O bronze, uma liga de cobre e estanho, com um ponto de fusão mais baixo que o ferro, era fundido desde os começos do século XII e utilizado na fabricação de sinos e estátuas.” (Hodgett, 1975 : 189). “A fabricação de um sino exigia técnica especial para que o mesmo produzisse um som adequado. O fundidor deveria, antes de iniciar o trabalho, calcular o tamanho do sino e as proporções exatas.” (Giordani, 1993 : 159).

A partir do século XII, explorou-se outra fonte de energia: o vento. Os moinhos de vento são mencionadas em Arles pela primeira vez entre 1162 e 1180. (Hodgett, 1975 : 222). No século XIII, já se comprova a existência de moinhos de maré na foz do Adour, perto de Bayonne. (Giordani, 1993 : 158).

O primeiro poço artesiano conhecido foi perfurado em 1126. Entre as inovações medievais, aparecem também a sericultura (introduzida na Sicília por volta de 1130), a falcoaria, o arenque defumado e a “champanhização” do vinho branco. (Beaujouan, 1959 : 144).

Na indústria doméstica, a roca substituiu o fuso para enrolar a estriça. E a partir de 1280, “a roda de fiar (provavelmente uma das grandes invenções da indústria têxtil) compete com a roca e o fuso, os quais possibilitaram às mulheres trabalhar enquanto supervisionavam outras atividades. No século XIV, o linho é pela primeira vez empregado na confecção de roupas brancas, em oposição aos grosseiros panos de lã até então usados, o que acarreta uma melhoria na higiene e o retrocesso da lepra; fornece também matéria-prima barata para a indústria papelreira trazida da China no século XIII. (Beaujouan, 1959 : 144; Hodgett, 1975 :161). A introdução do tear horizontal de pedal provavelmente triplicou a produtividade dos lanifícios. (Anderson, 1982 : 215). Em fins do século XII, surge um invento no processo de tecelagem da lã: O pisão, que substituiu a pisagem de pés humanos pela batida de martelo sobre o tecido. Um tambor giratório, preso ao eixo de uma roda d’água, acionava os martelos. Outra invenção foi a máquina cardadora, constituída por um conjunto de rolos com cardas, movimentado também pela força hidráulica. (Hodgett, 1975 : 160, 177). O moinho mecânico de dobar a seda parece ter surgido na Itália no fim do século XIII. (Wolff, 1988 : 100). Além disso, foram inventados o botão e a camisa.

O álcool aparece em Salerno por volta de 1110 e sua fabricação melhora rapidamente, com o emprego de desidratantes, como o carbonato de potassa. Além disso, a técnica da destilação aperfeiçoa-se, empregando-se o alambique clássico cujo escoadouro tubular, em forma de serpentina, mergulha numa cuba para a circulação da água. (Beaujouan, 1959 : 144-145). Em Toulouse, fabrica-se aguardente no começo do século XV, “o último grande século do comércio de vinho. Concorrentes vão aparecer e desenvolver-se: em primeiro lugar a cerveja, que se aprende a fabricar melhor na Alemanha no século XIV, com a utilização do lúpulo.” (Wolff, 1988 : 89).

Alberto Magno (1183-1280) conseguiu preparar a potassa cáustica. Foi o primeiro a descrever a composição química do cinabre, do alvaiade e do minio. Raimundo Lúlio (1235-1315) preparou o bicarbonato de potássio. Teofrasto Paracelso (1493-1541) descreveu o zinco, desconhecido até então. Introduziu igualmente na medicina o uso dos compostos químicos.

Os óculos para corrigir a miopia aparecem por volta de 1285; primeiro, de cristal de rocha, depois de vidro. Nos séculos seguintes, outros artesãos iriam melhorar as lentes, de onde resultariam o telescópio e o microscópio. (Fremantle, 1970 : 149).

Os relógios mecânicos de peso difundem-se no fim do século XIII. No século XV surgem os relógios de areia, ou ampulhetas. (Wihthrow, 1993 : 119)

O estilo gótico, na arquitetura, surge como um progresso essencialmente técnico, que consistia numa diminuição das pressões exercidas pelas abóbadas, as quais podiam elevar-se pelo afinamento das flechas e o equilíbrio dos arcosobstantes leves (filhos da

ciência dos números, inventados em Paris em 1180 para erguer mais alto a nave de Notre-Dame) e colunas com coruchéus. As abóbadas atingem alturas cada vez maiores: 32 metros em Paris, 37 em Chartres, 42 em Amiens, 48 em Beauvais! Acessoriamente, a abóbada melhorava os valores acústicos dum edifício destinado à execução do canto coral. Por sua vez, o adelgaçamento das paredes fez desabrochar a técnica do vitral, cujo emprego fora até então limitado pela estreiteza das aberturas românicas; os vãos puderam alargar-se, havendo mais espaço para as janelas e, assim, as igrejas tornam-se mais iluminadas. No período que vai de 1170 a 1270 construíram-se na França mais de 500 grandes igrejas góticas. (Fremantle, 1970 : 127; Duby, 1979 : 121, 281; Perroy, 1957 : 166-167). Aliás, a herança mais duradoura da Idade Média é sua arquitetura. Os castelos são em sua maioria ruínas impressionantes; as catedrais continuam de pé, desafiando os séculos. (Ferguson, 1970 : 220).

No domínio das obras públicas, mencionam-se as pontes com arcos em segmento, as comportas e as dragas. (Beaujouan, 1959 : 145-146)

A contabilidade ganha em clareza com a adoção do método veneziano das duas colunas, frente a frente (crédito e débito); mas sua transformação mais importante consistiu nas partidas dobradas que, provavelmente, surgiram simultaneamente em várias cidades italianas entre 1250 e 1350. Elas não precisarão sofrer, até o fim do século XIX, senão pequenas alterações de detalhe. A letra de câmbio aparece no século XIII. (Wolff : 1988 : 126). Os cambistas examinavam e pesavam as moedas; do “banco” onde eles realizavam essa operação surgiu a instituição bancária, e as variadas práticas financeiras nasceram desse serviço primitivo de câmbio de dinheiro. (Fremantle, 1970 : 74). O seguro marítimo está presente em documentos genoveses desde o século XII. (Pirenne, 1982 : 124).

As feiras, existentes desde o século XI, eram centros de intercâmbio em grande escala, que se esforçavam em reunir o maior número possível de homens e produtos. (Pirenne, 1982 : 102).

Foram fundadas no século XIII, algumas organizações postais privadas. Em 1357, dezessete companhias florentinas fundaram a ‘Scarsella dei Mercanti Fiorentini’ que mantinha, toda semana, um correio comum e nos dois sentidos com Avignon. Foi a primeira companhia postal conhecida, cujos estatutos foram conservados. (Wolff, 1988 : 156).

“Em 1305, para uniformizar as medidas em certos negócios, o rei Eduardo I, da Inglaterra, decretou que fosse considerada como uma pølegada a medida de três grãos secos de cevada, colocados lado a lado. Os sapateiros ingleses gostaram da idéia e passaram a fabricar, pela primeira vez na Europa, sapatos em tamanho padrão, baseados no grão de cevada.” (*Superinteressante*, São Paulo, 2 : 13, fev. 1988).

A obra medieval de Beda contém a primeira investigação científica das marés, envolvendo o mais antigo estudo sobre o intervalo médio entre o momento da maré cheia e o do trânsito anterior do meridiano pela lua. (Whithrow, 1993 : 90).

“A primitiva lavoura utilizava, no Médio Oriente e no Mediterrâneo, o sistema da ‘sulcagem’: um espigão, com a ponta virada para baixo, puxado por uma junta de bois, primeiro numa direção, depois transversalmente, arroteava um lote quadrado de terra. Este método era suficiente para os terrenos leves e secos. Mas, nos solos húmidos e pesados do norte da Europa, esse tipo de arado era inadequado, exceto nos outeiros bem drenados. Por conseguinte, a agricultura foi, a princípio, praticada apenas em zonas muito limitadas. Na Idade Média, começou a generalizar-se, gradualmente, pelo Norte da Europa, um novo tipo de arado. Tratava-se de um arado pesado com lâmina e relha para fender o solo e uma aiveca para voltar os torrões para os lados e abrir um sulco, drenando desse modo o terreno, ao mesmo tempo que o lavrava.” (TrevorRoper, 1966 : 121-122; Heers, 1968 : 121). Começa-se a utilizar a grade; revolvido mais amplamente, melhor arejado, o solo absorve melhor a marga, uma argila que contém carbonato de cálcio e, quando misturada à camada superior do solo, mostra-se um fertilizante valioso. (Perroy, 1957 : 23-24). A irrigação (de pastos e terras de lavoura) começou a ser empregada em larga escala e a Itália provavelmente abriu o caminho. Na Idade Média, outra invenção, o mangual, que substituiu a vara de bater, aperfeiçoa o processo de debulha. (Hodgett, 1975 : 29, 221; Mumford, 1965 : 337).

Nesse período, além das plantas cultivadas nos tempos clássicos, foram aprimorados: A espelta, o centeio, a aveia e o fagópiro. Além do sorgo, outras culturas foram introduzidas na região mediterrânea, pelos gregos ou árabes: Arroz, cana-de-açúcar, algodão e amoreira. (Hodgett, 1975: 30, 225). O pousio trienal e, a partir do século VIII, o sistema de três plantações alternadas, permitem a aclimação de novas culturas e aumentam acentuadamente a produção agrícola.

Seria o mundo medieval um inferno de misérias? Descobre-se o contrário a partir de um levantamento referente à cidade de Toulouse, onde, em 1322, havia 177 açougueiros, ou seja, um para cada 226 habitantes, “para uma população máxima de 40.000 almas — cerca de duas ou três vezes mais que hoje; e alguns figuravam entre os comerciantes mais ricos da cidade.” (Wolff, 1988 : 82-83). A conserva do arenque no sal foi descoberta em 1416, por Willem Beeckelz. (Fonseca, 1958 : 314). “Apareceram as boas maneiras, a ‘etiqueta’, a faca passou a ser um componente da mesa, assim como o garfo, que acabou se tornando um utensílio doméstico após a peste negra (1348-1349).” (Villa, 1998 : 10).

“Já em 1159, os primeiros pôlderes, porções de terra tomadas aos alagadiços ou ao mar por meio de diques, foram criados em Flandres.” (Mumford, 1965 : 336). A maior parte dos diques holandeses foi construída entre os anos de 1250 e 1350. Em 1408, aparece o primeiro exemplo conhecido de moinho de vento para bombear a água dos pôlderes.

Depois da manivela — descoberta de importância fundamental — ocorreu a invenção alemã da biela, peça rígida com duas articulações para transformar o movimento rotativo em alternativo. Começaram a utilizar-se ferramentas, como a plaina, e passou-se a usar o carvão como combustível. Diversas invenções, como a cola e o papel, foram transmitidas pela China à Europa. (Whithrow, 1993 : 102, 109). A tinta romana para escrever, feita do negro da fumaça com goma e água, não tinha fixadores; era uma tinta

moída; ao passo que a utilizada na Idade Média se fazia por infusão, com goma, pedrame e resina de carvalho. (Spina, 1977 : 30-31).

Vê-se, portanto, que a Idade Média, ao contrário do que muitos imaginam, foi extremamente fecunda em avanços técnicos.

---

## **Bibliografia:**

ANDERSON, Perry. *Passagens da antiguidade ao feudalismo*. Porto, Afrontamento, 1982.

BAGUÉ, Enrique. *Pequeña historia de la humanidad medieval*. Barcelona, Aymá, 1953.

BARK, William Carroll. *Origens da Idade Média*. 4. ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

BEAUJOUAN, Guy. A ciência no Ocidente medieval cristão. In: TATON, René (dir.). *A ciência antiga e medieval (A Idade Média)*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1959. v. 3.

CARVALHO, Delgado de. *História geral*. 2. ed., Rio de Janeiro, Record, s/d. v. 2.

DUBY, Georges. *O tempo das catedrais*. Lisboa, Estampa, 1979.

FERGUSON, John. *Los fundamentos del mundo moderno*. Barcelona, Martínez Roca, 1970.

FONSECA, Gondin da. *Senhor Deus dos desgraçados!* 2. ed., São Paulo, Fulgor, 1958.

FREMANTLE, Anne. *Idade da fé* (Biblioteca de história universal Life). Rio de Janeiro, José Olympio, 1970.

GIORDANI, Mário Curtis. *História do mundo feudal*. 2. ed., Petrópolis, Vozes, 1993. v. 2, t. 2.

HEERS, Jacques. *Précis d'histoire du Moyen Âge*. Paris, Presses Universitaires de France, 1968.

HERRERO, Victor José. *Introducción al estudio de la filología latina*. 2. ed., Madrid, Gredos, 1976.

HODGETT, Gerald A. J. *História social e econômica da Idade Média*. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.

LINS, Ivan. *A Idade Média, a Cavalaria e as Cruzadas*. 4. ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970.

MUMFORD, Lewis. *A cidade na história*. Belo Horizonte, Itatiaia, 1965. v. 1, p. 401

PAUWELS, Louis & BERGIER, Jacques. *O despertar dos mágicos*. São Paulo, Clube do Livro, s/d.

PERROY, Édouard. *História geral das civilizações. A Idade Média*. São Paulo, Dif. Européia do Livro, 1957. t. 3, v., 2.

PIRENNE, Henri. *História econômica e social da Idade Média*. 6. ed. São Paulo, Mestre Jou, 1982.

PUIGGRÓS, Rodolfo. *Génesis y desarrollo del feudalismo*. México, Editorial F. Trillas, 1965.

SILVA, Francisco C. Teixeira da. *Sociedade feudal: Guerreiros, sacerdotes e trabalhadores*. 3. ed. São Paulo, Brasiliense, 1986.

SPINA, Segimundo. *Introdução à edótica*. São Paulo, Cultrix/EDUSP, 1977. p. 30-31.

*Superinteressante*, São Paulo, 2 : 13, fev. 1988.

THIERRY, J. W. Draining of polders in the Netherlands. *First Congress of Irrigation and Drainage*. New Delhi, vol. 2 : 17-21, 1951.

TREVOR-ROPER, Hugh. *A formação da Europa cristã*. Lisboa, Verbo, 1966.

VIANNA, Eremildo Luiz. Noção de Idade Média. *Kriterion*, Belo Horizonte, 15 (61/62) : 602-627, 1962.

VILLA, Marco Antônio. Olhos, bocas e barrigas. *Folha de São Paulo (Mais!)*, São Paulo, 06-12-1998, p. 10.

WHITROW, Gerald James. *O tempo na história*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993.

WOLFF, Philippe. *Outono da Idade Média ou primavera dos tempos modernos?* São Paulo, Martins Fontes, 1988

# A Educação Infantil na Idade Média [1]

Ricardo da Costa  
Prof. Adjunto de Hist. Medieval da UFES  
Universidade Federal do Espírito Santo.  
Home-page: [www.ricardocosta.com](http://www.ricardocosta.com)  
[riccosta@npd.ufes.br](mailto:riccosta@npd.ufes.br)

No Brasil, a Idade Média ainda é citada por muitos néscios como um tempo de ignorância e barbárie, um tempo vazio, um tempo em que a Igreja escondeu os conhecimentos que naufragaram com o fim do Império Romano para dominar o “povo”. Nesse movimento consciente e ideológico em direção às trevas, o clero teve como aliado principal a nobreza feudal. Juntos, nobreza e clero governaram com coturnos sinistros e malévolos todo o ocidente medieval, que permaneceu assim envolto em uma escuridão de mil anos, soterrado, amedrontado e preso a terra num trabalho servil humilhante [2].

Quem ainda acredita piamente nesse amontoado de tolices ficará agradavelmente surpreso, espero, com o tema desse trabalho, que não poderia ser mais propício. Minhas perguntas básicas serão: existiu *educação* na Idade Média? E *ciência*? E as *crianças*? É incrível, mas há quase quarenta anos atrás o próprio Jacques Le Goff perguntou: “teria havido crianças no Ocidente Medieval?” [3] Seguindo a trilha deixada por Philippe Ariès [4], ele buscou a criança na arte e não a encontrou. É verdade. Apressadamente concluiu então que a criança foi um produto da cidade e da burguesia [5] e, portanto, o mundo rural não a conheceu. Pior: a conheceu sim, mas a desprezou, marginalizando-a [6].

Deixo claro então que minha perspectiva será bastante diferente. Responderei **sim** a todas àquelas perguntas, opondo-me a Jacques Le Goff e a Philippe Ariès [7]. Para provar isso, dividi minha narrativa em duas partes: primeiro, busquei a condição infantil registrada pela História na Alta Idade Média (séculos V-X) para, a seguir, tratar da estruturação das ciências que Ramon Llull (1232-1316)



apresentou a seu filho Domingos quando, em um ato de puro *amor paterno*, escreveu um livro para ele, a *Doutrina para crianças* [8] .

\*

Falei há pouco de amor paterno. O amor é uma forma muito profunda e especial de afeto, difícil de ser descrito, difícil de ser registrado a não ser nas emoções daqueles que o compartilham. Por isso, a História registra sempre o que se veste, onde se vive, o que se come, mas dificilmente narra como se ama, especialmente a intensidade e a forma do amor [9] . Os tipos de textos consultados pelos historiadores - as *Crônicas*, por exemplo - estão mais atentos aos acontecimentos importantes, aos personagens e à política. Assim, ofereceram pouco espaço para o mundo infantil, deixando muitas perguntas que não puderam ser respondidas satisfatoriamente. Por exemplo: como pais e filhos exprimiam seus carinhos, suas incompreensões? De que forma as crianças apreenderam o mundo existente? Como reagiram à escola e aos estudos?

De qualquer maneira, o fato é que, historicamente, o papel da criança sempre foi definido pelas expectativas dos adultos [10] , e esse anseio mudou bastante ao longo da história, embora a família elementar e o amor tenham existido em todas as épocas [11] . Vejamos então o caso medieval.

A primeira herança da Antigüidade não é nada boa: a vida da criança no mundo romano dependia totalmente do desejo do pai. O poder do *pater familias* era absoluto: um cidadão não tinha um filho, *o tomava*. Caso recusasse a criança - e o fato era bastante comum - ela era enjeitada. Essa prática era tão recorrente que o direito romano se preocupou com o destino delas [12] . E o que acontecia à maioria dos enjeitados? A morte [13] .

A segunda herança que a Idade Média herda da Antigüidade, a cultura bárbara, foi-nos passada especialmente por Tácito. Ele nos conta que a tradição germânica em relação às crianças era um pouco melhor que a romana. Os germanos não praticavam o infanticídio, as próprias mães amamentavam seus filhos e as crianças eram educadas sem distinção de posição social [14] . O povo germânico era composto por um conjunto de lares, com dois poderes distintos: o matriarcal, exercido no seio da família, e o patriarcal, predominante na política e na organização social [15] . No entanto, o destino das crianças naqueles clãs, como na cultura romana, também dependia da vontade paterna (direito de adoção, de renegação, de compra e venda). A criança aceita ficava aos cuidados dos parentes paternos (*agnatos*) e o destino dos bastardos, órfãos e abandonados era entregue aos parentes maternos, especialmente a tios e avós maternos [16] .

Dessas duas tradições culturais que se mesclaram e fizeram emergir a Idade Média, concluo que o *status* da criança naquelas sociedades antigas era praticamente nulo. Sua existência dependia do poder do pai: se fosse menina ou nascesse com algum problema físico, poderia ser rejeitada. Seu destino, caso sobrevivesse, era abastecer os prostíbulos de Roma e o sistema escravista [17]. Até o final da Antigüidade as crianças pobres eram abandonadas ou vendidas; as ricas enjeitadas - por causa de disputas de herança - eram entregues à própria sorte [18].

Nesse contexto histórico-cultural é que se compreende a força e o impacto do cristianismo, que rompeu com essas duas tradições [19]. O Cristo disse:

Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como as crianças, de modo algum entrareis no Reino dos Céus. Aquele, portanto, que se tornar pequenino como esta criança, esse é o maior no Reino dos Céus. (Mt 18, 1-4).

A tradição cristã abriu, portanto, uma nova perspectiva à criança, uma mudança revolucionária [20]. No entanto, foi um processo bastante lento, um *processo civilizacional* levado a cabo pela Igreja. Primeiro, por força das circunstâncias. Por exemplo, dos séculos V ao VIII, na Normandia, o índice de mortalidade infantil era muito elevado, 45%, e a expectativa de vida bem pequena, 30 anos [21]. À primeira vista, esses dados arqueológicos poderiam sugerir ao historiador um sentimento de descaso para com a criança: a regularidade da morte poderia criar nos espíritos de então uma apatia, um medo de se apegar a algo tão frágil que poderia morrer à primeira doença [22].

Paradoxalmente, ao invés disso, a documentação nos mostra que havia um grande apego dos pais aos filhos, apesar da mortalidade infantil. Em sua *História dos Francos*, Gregório de Tours nos conta o sentimento de tristeza e a lamentação de Fredegunda (concubina e depois esposa do rei dos francos Chilperico), quando da morte de crianças:

Essa epidemia que começou no mês de agosto atacou em primeiro lugar a todos os jovens adolescentes e provocou sua morte. Nós perdemos algumas criancinhas encantadoras e que nos eram queridas, a quem nós havíamos aquecido em nosso peito, carregado em nossos braços ou nutrido por nossa própria mão, lhes administrando os alimentos com um cuidado delicado [...] O rei Chilperico também esteve gravemente doente. Quando entrou em convalescença, seu filho mais novo, que não era ainda renascido pela água e pelo Espírito Santo, caiu enfermo. Assim que melhorou um pouco, seu irmão mais velho, Clodoberto, foi atingido pela mesma doença, e sua mãe Fredegunda, vendo-o em perigo de morte

e se arrependendo tardiamente, disse ao rei: “A misericórdia divina nos suporta há muito tempo, nós que fazemos o mal, porque sempre ela nos tem advertido através das febres e outras doenças, mas sem que nos corrijamos. Nós perdemos agora os nossos filhos, eis que as lágrimas dos pobres, as lamentações das viúvas e os suspiros dos órfãos os matam e não nos resta esperança de deixar os bens para ninguém. Nós entesouramos sem ter para quem deixar. Os tesouros ficarão privados de possuidor e carregados de rapina e maldições! Nossas adegas não abundam em vinho? Nossos celeiros não estão repletos de trigo? Nossos tesouros não estão abarrotados de ouro e de prata, de pedras preciosas, de colares e outras jóias imperiais? Nós perdemos o que tínhamos de mais belo! Agora, por favor, venha! Queimemos todos os livros de imposições iníquas e que nosso fisco se contente com o que era suficiente ao pai e rei Clotário.” (Gregório de Tours, *Historiae*, V, 34) (os grifos são meus) [23]

Pois bem. Fredegunda, uma das mulheres mais cruéis da História, apesar de filha de seu tempo bárbaro, chora a morte de seus filhos e afirma que perdeu o que tinha de mais belo [24]. Mesmo nessa aristocracia merovíngia rude e cruel – no pior sentido da palavra [25] – há espaço para amor materno.

Por sua vez, fora do mundo secular, um espaço social lentamente impôs uma nova perspectiva à educação infantil: o monacato [26]. Os monges criaram verdadeiros “jardins de infância” nos mosteiros [27], recebendo indistintamente todas as crianças entregues [28], vestindo-as, alimentando-as e educando-as, num sistema integral de formação educacional [29].

As comunidades monásticas célticas foram as que mais avançaram nesse novo modelo de educação, pois se opunham radicalmente às práticas pedagógicas vigentes das populações bárbaras, que defendiam o endurecimento do coração já na infância [30]. Pelo contrário, ao invés de brutalizar o coração das crianças para a guerra e a violência, os monges o abriam para o amor e a serenidade [31].

As crianças eram educadas por todos do mosteiro até a idade de quinze anos. A *Regra de São Bento* prescreve diligência na disciplina: que as crianças não apanhem sem motivo, pois “não façam a outrem o que não queres que te façam.” [32] Toco aqui em um ponto importante e de grande discussão na *História da Educação*. O sistema medieval e monástico previa a aplicação de castigos. Na Bíblia há passagens sobre os castigos com vara que devem ser aplicados aos filhos [33]; na *Regra de São Bento* há várias passagens (punição com jejuns e varas [34], pancadas em crianças que não recitarem corretamente um salmo [35]), e esse ponto foi muito destacado e criticado pela pedagogia moderna, que, no entanto, não levou em consideração as circunstâncias históricas da época [36]. Por exemplo, Manacorda interpreta os castigos do período antigo e medieval

como puro *sadismo pedagógico* [37], linha de interpretação que permaneceu ao lado da imagem do monge medieval como uma pessoa frustrada e desiludida amorosamente e que, por esse motivo, buscava a solidão do mosteiro [38].

Naturalmente isso se deve a um anacronismo e preconceito que não condizem com a postura de um historiador sério. Basta buscar os textos de época que vemos a felicidade dos egressos dos mosteiros pelo fato de terem sido amparados, criados e educados. Darei apenas dois breves exemplos. Ao se recordar do mosteiro onde passou sua infância, São Cesário de Arles (c. 470-542) diz:

Essa ilha santa acolheu minha pequenez nos braços de seu afeto. Como uma mãe ilustre e sem igual e como uma ama-de-leite que dispensa a todos os bens, ela se esforçou para me educar e me alimentar. [39]

Por sua vez, Walafried Strabo (806-849), então jovem monge, nos conta em seu *Diário de um Estudante*:

Eu era totalmente ignorante e fiquei muito maravilhado quando vi os grandes edifícios do convento (...) fiquei muito contente pelo grande número de companheiros de vida e de jogo, que me acolheram amigavelmente. Depois de alguns dias, senti-me mais à vontade (...) quando o escolástico Grimaldo me confiou a um mestre, com o qual devia aprender a ler. Eu não estava sozinho com ele, mas havia muitos outros meninos da minha idade, de origem ilustre ou modesta, que, porém, estavam mais adiantados que eu. A bondosa ajuda do mestre e o orgulho, juntos, levaram-me a enfrentar com zelo as minhas tarefas, tanto que após algumas semanas conseguia ler bastante corretamente (...) Depois recebi um livrinho em alemão, que me custou muito sacrifício para ler mas, em troca, deu-me uma grande alegria... [40]

Esses são apenas dois de muitos exemplos que contam a felicidade e a alegria que os medievais sentiram com o fato de terem tido a sorte de serem acolhidos em um mosteiro. Assim, devemos sempre confrontar em retrospecto as regras com a vida cotidiana, o sistema institucional com o que as pessoas pensavam dele, para então construirmos um juízo de valor mais adequado e menos sujeito a anacronismos.

Para completar o entendimento do *sentido civilizacional* dos mosteiros medievais, basta confrontarmos sua vida cotidiana - de educação e disciplina voltada para uma formação ética e moral das crianças - com o mundo exterior. Por exemplo, no período carolíngio (séculos VIII a X), apesar do avanço da implantação da família conjugal simples (modelo cristão) com uma média de 2

filhos por casal e um período de aleitamento de dois anos, a prática do infanticídio continuava comum, a idade média dos casamentos era muito baixa (entre 14 e 15 anos de idade), a poligamia e a violência sexual eram recorrentes, pelo menos na aristocracia [41] e ainda havia a questão da escravidão de crianças [42]. Confronte você, caro leitor, essa realidade com a vida de uma criança em um mosteiro.

Por sua vez, os bispos carolíngios do século IX tentaram regulamentar o casamento cristão, redigindo uma série de tratados (*espelhos*) [43]. Neles, o casamento era valorizado, a mulher reconhecida como pessoa com pleno direito familiar e em pé de igualdade com o marido e a violência sexual denunciada como crime grave e do âmbito da justiça pública [44]. Para o nosso tema, o que interessa é que as crianças também foram objeto de reflexão nesses *espelhos*: a maternidade foi considerada um valor (*charitas*) e o casal tinha a obrigação de aceitar e reconhecer os filhos [45].

Assim, a ação da ordem clerical foi dupla: de um lado, os bispos lutaram contra a prática do infanticídio, de outro, os monges revalorizaram a criança, que passou por um processo de educação direcionada, de cunho integral e totalmente igualitária – por exemplo, as escolas monacais carolíngias davam preferência a crianças filhas de escravos e servos ao invés de filhos de homens livres, a ponto de Carlos Magno ser obrigado a pedir que os monges recebessem também para educar crianças filhas de homens livres [46]. Estes séculos da Alta Idade Média foram cruciais para a implantação do modelo de casamento cristão conhecido por todo o mundo ocidental, para a valorização da mulher como parceira e igual do marido e para a idéia de criança como ser próprio e com necessidades pedagógicas específicas [47]. Por fim, a sociedade era pensada como o conjunto de pessoas casadas (*ordo conjugatorum*), e a criança tinha um papel fundamental nessa estrutura, pois era o fim último da união.

\*

Mulher, criança, minorias revalorizadas na Idade Média em relação à Antigüidade. Para completar esse quadro compreensivo, quero responder à terceira pergunta feita no início: qual era o conceito de *educação* que alicerçava esse novo sistema pedagógico medieval? Essa é uma resposta relativamente mais simples. Para os homens da época, as palavras eram transparentes: havia um prazer muito grande em saborear o sentido etimológico delas. Os intelectuais de então diziam que o homem é um ser que esquece suas experiências. Ele consegue resgatá-las através da linguagem [48]. Assim, a expressão *educação* era entendida como estando associada à sua raiz etimológica latina: *educere*, “fazer sair”. Como o conhecimento já existia inato no indivíduo, restava responder à

seguinte pergunta: de que modo o estudante era conduzido da ignorância ao saber? [49] Como o aluno aprendia? Essa era a questão básica dos educadores medievais. Preocupados com a *forma* da aquisição, os pedagogos de então tiveram uma importante consciência: cabia ao professor “acender uma centelha” no estudante e usar seu ofício para **formar** e não **asfixiar** o espírito de seus alunos [50]. Muito moderna a educação medieval! [51]

\*

---

[1] Este artigo é dedicado ao meu amigo e colega de trabalho, Prof. Josemar Machado Oliveira (UFES), que certa vez presenteou-me com um belo livro (GIMPEL, Jean. *A Revolução Industrial da Idade Média*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977) e aproveitou o ensejo para dizer-me que não existiu ciência na Idade Média!

[2] Um excelente livro que apresenta estes mitos e os destrói completamente é HEERS, Jacques. *A Idade Média, uma impostura*. Porto: Edições Asa, 1994.

[3] LE GOFF, Jacques. *A civilização do ocidente medieval*. Lisboa: Editorial Estampa, 1984, vol. II, p. 44.

[4] ARIÈS, Philippe. *L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime*, Paris, 1960.

[5] LE GOFF, Jacques. *A civilização do ocidente medieval, op. cit.*, p. 45.

[6] LE GOFF, Jacques. “Os marginalizados no ocidente medieval”. In: *O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval*. Lisboa: Edições 70, p. 169.

[7] Le Goff recupera o tema da criança como *não-valor* em sua biografia *São Luís* (Rio de Janeiro: Editora Record, 1999, p. 84), citando uma farta bibliografia como apoio à sua tese mas somente **uma** fonte: João de Salisbury (“Não há a necessidade de recomendar muito a criança aos pais, porque ninguém detesta sua carne” - *Policraticus*, ed. C. Webb, p. 289-290), justamente uma passagem de um texto medieval onde **se afirma** o amor dos pais em relação aos filhos como algo comum!

[8] Utilizarei minha tradução feita a partir da edição de Gret Schib. RAMON LLULL. *Doctrina pueril*. Barcelona: Editorial Barcino, 1957.

[9] MARQUES, A H. de Oliveira. *A Sociedade Medieval Portuguesa - aspectos de vida quotidiana*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1987, p. 105.

[10] BURKE, Peter. *História e teoria social*. São Paulo: Editora Unesp, 2002, 71-72.

[11] Interessante afirmação do antropólogo Jack Goody. Citado em GUICHARD, Pierre. “A Europa Bárbara”. In: BURGUIÈRE, André, KLAPISCH-ZUBER, Christiane, SEGALIN, Martine e ZONABEND, Françoise (dir.). *História da Família. Tempos Medievais: Ocidente, Oriente*. Lisboa: Terramar, 1997, p. 18.

[12] ROUSSELL, Aline. “A política dos corpos: entre procriação e continência em Roma”. In: DUBY, Georges e PERROT, Michelle (dir.): *História das Mulheres no Ocidente. A Antigüidade*. Porto: Edições Afrontamento / São Paulo: Ebradil, s/d, p. 363.

[13] VEYNE, Paul. “O Império Romano”. In: ARIÈS, Philippe e DUBY, Georges (dir.). *História da vida privada I. Do Império Romano ao ano mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 23-24.

[14] “Limitar o número de filhos ou matar algum dos recém-nascidos é crime; assim seus bons costumes podem mais que as boas leis em outras nações. De qualquer modo, eles crescem desnudos e sem asseio até chegarem a ter esses membros e corpos que admiramos. Os filhos são nutridos com o leite de suas mães, nunca de criadas ou amas-de-leite. Não há distinção entre o senhor e o escravo em nenhuma delicadeza de criança. Passam a vida entre os mesmos rebanhos e na mesma terra até que a idade e o valor distingam os nobres.”— TÁCITO. “Germania”. In: *Obras Completas*. Madrid: M. Aguilar, Editor, 1946, p. 1026.

[15] GUICHARD, Pierre. “A Europa Bárbara”, *op. cit.*, p. 24.

[16] GUICHARD, Pierre. “A Europa Bárbara”, *op. cit.*, p. 28.

[17] DE CASSAGNE, Irene (PUC - Buenos Aires - Argentina). *Valorización y educación del Niño en la Edad Media*, p. 20 (artigo consultado em [www.uca.edu.ar](http://www.uca.edu.ar))

[18] ROUSSELL, Aline. “A política dos corpos: entre procriação e continência em Roma”, *op. cit.*, p. 364.

[19] Um dos melhores ensaios a respeito é de JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2001, especialmente as páginas 11-148.

[20] DE CASSAGNE, Irene. *Valorización y educación del Niño en la Edad Media, op. cit.*, p. 20.

[21] ROUCHE, Michel. “Alta Idade Média ocidental”. In: ARIÈS, Philippe e DUBY, Georges (dir.). *História da vida privada I. Do Império Romano ao ano mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 442-443.

[22] Essa idéia - da indiferença como consequência do mau hábito - está muito bem expressa no conceito de *banalização do mal* criado por Hannah Arendt em sua obra *Origens do Totalitarismo* (São Paulo: Companhia das Letras, 1990).

[23] Tradução de Edmar Checon de Freitas (doutorando em *História Medieval* pela UFF) a partir da versão francesa de R. Latouche (GRÉGOIRE DE TOURS. *Histoire des Francs*. Paris: Les Belles-Lettres, 1999, p. 295-296).

[24] “Fredegunda foi concubina de Chilperico (neto de Clóvis). Ele casou-se com Galasvinta, filha do rei visigodo Atanagildo, e sua irmã, Brunilda, desposou Sigisberto, meio-irmão de Chilperico (*Hist.*, IV, 27-28). Galasvinta acabou assassinada por ordem de Chilperico, ficando Fredegunda como sua primeira esposa (*Hist.*, IV, 28); Gregório insinua uma influência de Fredegunda na morte da rival. Chilperico e Fredegunda figuram nas *Historiae* como um casal malévolo e sanguinário. A passagem sobre a morte de seus filhos tem de ser lida nesse contexto. Contudo, é importante destacar a forma escolhida pelo autor para sublinhar o castigo divino: a perda dos filhos e herdeiros. O tema da morte das crianças era caro a Gregório. Por sua vez, no capítulo V (22), é narrada a morte de Sansão, outro filho pequeno de Chilperico e Fredegunda. Nascido durante um cerco sofrido por Chilperico - em guerra com o irmão Sigisberto - ele foi rejeitado pela mãe (que temia sua morte). O pai salvou-o e Fredegunda acabou batizando a criança, que morreu antes dos 5 anos. Mais tarde nasceu um outro filho do casal, Teuderico, ocasião na qual o rei libertou prisioneiros e aliviou impostos (*Hist.*, VI, 23, 27). Novamente a desinteria vitimou a criança, com cerca de 1 ano de vida (*Hist.*, VI, 34). O único herdeiro de Chilperico, Clotário, nasceu já no fim de sua vida (*Hist.*, VI, 41; ele foi assassinado em 584). Tornou-se ele rei sob o nome de Clotário II, tendo unificado o *regnum Francorum*. Chilperico teve outros filhos, de sua primeira mulher, Audovera. Teodeberto morreu no campo de batalha (*Hist.*, IV, 50); Clóvis e Meroveu (*Hist.*, V, 18) foram mortos a mando do pai, o primeiro sob a instigação de Fredegunda. Na ocasião, ela suspeitara de malefícios contra seus filhos, recentemente mortos, nos quais



Clóvis estaria envolvido; ela também ordenou a tortura de algumas mulheres suspeitas (*Hist.*, V, 39).” — FREITAS, Edmar Checon de.

[25] LE GOFF, Jacques. *A civilização do ocidente medieval*. Lisboa: Editorial Estampa, 1984, vol. I, p. 58-60.

[26] JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo*, *op. cit.*, especialmente as páginas 167-188.

[27] DE CASSAGNE, Irene. *Valorización y educación del Niño en la Edad Media*, *op. cit.*, p. 21.

[28] “Sabe-se que as escolas dos mosteiros acolhiam tanto os nobres rebentos da aristocracia quanto os pobres filhos dos servos.” — NUNES, Rui Afonso da Costa. *História da Educação na Idade Média*. São Paulo: EDUSP, 1979, p. 113.

[29] Mesmo Manacorda, um crítico do período, afirma que “...devemos reconhecer que, na pedagogia cristã, ela (a *maxima reverentia*) é um elemento novo de consideração da idade infantil” — MANACORDA, Mario Alighiero. *História da Educação - da Antigüidade aos nossos dias*. São Paulo: Cortez, 1989, p. 118.

[30] Por exemplo, em sua *Guerra Gótica*, o historiador bizantino Procópio de Cesaréia († 562) nos conta que “...nem Teodorico permitira aos godos enviar os filhos à escola de letras humanas, antes dizia a todos que, uma vez dominados pelo medo do chicote, nunca teriam ousado enfrentar com coragem o perigo da espada e da lança (...) Portanto, querida soberana - diziam a ela - manda para aquele lugar esses pedagogos e põe tu mesma ao lado de Atalarico alguns coetâneos: estes, crescendo junto com ele, o impelirão para a coragem e a valentia segundo o uso dos bárbaros (I, 2)” — Citado em MANACORDA, Mario Alighiero. *História da Educação - da Antigüidade aos nossos dias*, *op. cit.*, p. 135-136.

[31] ROUCHE, Michel. “Alta Idade Média ocidental”, *op. cit.*, p. 446.

[32] *Regra de São Bento* (depois de 529 d.C.), cap. 70. Documento consultado na *INTERNET*: <http://www.ricardocosta.com/bento.htm>

[33] “O que retém a vara aborrece a seu filho, mas o que ama, cedo o disciplina.” (Prov. 13:24); “Não retires da criança a disciplina, pois, se a fustigares com a vara não morrerás. Tu a fustigarás com a vara e livrarás a sua alma do inferno.” (Prov. 23.13-14)

[34] “Os meninos e adolescentes ou os que não podem compreender que espécie de pena é, na verdade, a excomunhão, quando cometem alguma falta, sejam afligidos com muitos jejuns ou castigados com ásperas varas, para que se curem.” — *Regra de São Bento*, cap. 30 (<http://www.ricardocosta.com/bento.htm>)

[35] “As crianças por tal falta recebam pancadas” — *Regra de São Bento*, cap. 45.

[36] Mesmo nesse aspecto, o das surras, há de se relativizar: um dos maiores sucessos editoriais no Brasil, o livro *Meu Bebê, Meu Tesouro*, de DELAMARE, defendia que as crianças deveriam levar uma surra todos os dias!

[37] MANACORDA, Mario Alighiero. *História da Educação - da Antigüidade aos nossos dias*, op. cit., p. 119. Naturalmente Manacorda se refere ao sadismo por parte de quem aplicava o castigo, isto é, os monges. Falo isso porque, certa vez, ao ler parte desse texto em sala de aula na UFES, uma aluna ficou em dúvida se o sadismo era por parte de quem batia ou de quem apanhava!

[38] “Pode haver, com efeito, alguns casos particulares desses tipos. Mas os monges são pessoas que fizeram e fazem livremente a sua opção pela vida silenciosa e penitente, por amor a Deus que transborda na caridade para com o próximo.” — NUNES, Rui Afonso da Costa. *História da Educação na Idade Média*, op. cit., p. 91-92.

[39] San Cesáreo de Arles, *Sermo ad monacho*, CCXXXVI, 1-2, Morin, t. II, p. 894. Citado em DE CASSAGNE, Irene. *Valorización y educación del Niño en la Edad Media*, op. cit., p. 22.

[40] Citado em MANACORDA, Mario Alighiero. *História da Educação - da Antigüidade aos nossos dias*, op. cit., p. 135. Esse belo texto medieval também é analisado em NUNES, Rui Afonso da Costa. *História da Educação na Idade Média*, op. cit., p. 157-159 (SÖHNGEN, C. J. *De medii aevi puerorum institutione in occidente*. Diss. Amsterdam 1900).

[41] TOUBERT, Pierre. “O período carolíngio (séculos VII a X)”. In: BURGUIÈRE, André, KLAPISCH-ZUBER, Christiane, SEGALLEN, Martine e ZONABEND, Françoise (dir.). *História da Família. Tempos Medievais: Ocidente, Oriente*. Lisboa: Terramar, 1997, p. 69-84.

[42] “O comércio de escravos fora rigorosamente interdito em 779 e 781 (...) mas continuou, não obstante (...) Agobardo mostra-nos que este comércio vinha de longe (...) conta-nos que no começo do século IX chegara a Lião um homem,

fugido de Córdoba, onde tinha sido vendido como escravo por um judeu de Lião. E afirma a este propósito que lhe falaram de crianças roubadas ou compradas por judeus para serem vendidas.” — PIRENNE, Henri. *Maomé e Carlos Magno*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, s/d., p. 228.

[43] Christopher Brooke analisa a história do casamento (*O casamento na Idade Média*. Lisboa: Publicações Europa-América, s/d) sem, contudo, tratar da ética conjugal dos espelhos carolíngios, preferindo fazer seu recorte nos séculos feudais (XI-XII).

[44] “O modelo conjugal que a elite religiosa procura então impor como regulador da violência social implica, além disso, um reconhecimento da mulher enquanto pessoa, enquanto *consors* de pleno direito na sociedade familiar (...) A perfeita igualdade entre os cônjuges é um dos temas mais constantes da literatura matrimonial, em plena concordância com a legislação que, desde meados do século VIII, não cessa de proclamar que *a lei do matrimônio é uma só, tanto para o homem como para a mulher*.” — TOUBERT, Pierre. “O período carolíngio (séculos VII a X)”, *op. cit.*, p. 87. Também é desnecessário dizer que a violência sexual da época era contra a mulher.

[45] “Esta temática deverá ser relacionada com a luta que nessa época se travava contra as práticas contraceptivas, o aborto provocado e o infanticídio. Comporta igualmente um dever de educação cristã que tem como resultado, em Teodulfo de Orleães, uma definição do *officium* paterno e materno.” — TOUBERT, Pierre. “O período carolíngio (séculos VII a X)”, *op. cit.*, p. 87.

[46] “Que ajuntem e reúnam ao redor de si não só filhos de condição servil, mas também filhos de homens livres.” — Da *Admonitio generalis*, cap. 72. In: BETTENSON, H. *Documentos da Igreja cristã*. São Paulo: ASTE, 2001, p. 168.

[47] Todos esses avanços jurídicos em relação à mulher e à criança foram acompanhados, paradoxalmente, por um discurso clerical anti-feminino! Para esse tema, ver especialmente DUBY, Georges. *Eva e os padres. Damas do século XII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. De qualquer modo, é fato que a mulher moderna ocidental hoje desfruta de uma posição social **melhor** que no Oriente, especialmente nos países de cultura islâmica.

[48] “O gosto que os autores medievais tinham pela etimologia derivava de uma atitude com relação à linguagem bastante diferente da que geralmente temos hoje. Na Idade Média, ansiava-se por saborear a transparência de cada palavra; para nós, pelo contrário, a linguagem é opaca e costuma ser considerada como mera convenção (e nem reparamos, por exemplo, em que coleira, colar,

colarinho, torcicolo e tiracolo se relacionam com colo, pescoço).” — LAUAND, Luiz Jean. *Cultura e Educação na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 106.

[49] Esse é um ponto no qual a pedagogia medieval difere enormemente da moderna, pois é quase senso comum hoje afirmar que as crianças são receptáculos vazios (*tabula rasa*) e o educador enche-as de conteúdo.

[50] PRICE, B. B. *Introdução ao Pensamento Medieval*. Lisboa: Edições Asa, 1996, p. 88.

[51] Este trabalho é a primeira parte da palestra intitulada "Reordenando o conhecimento: a educação na Idade Média e o conceito de ciência expresso na obra Doutrina para Crianças (c. 1274-1276) de Ramon Llull" proferida na II Jornada de Estudos Antigos e Medievais: Transformação social e Educação - 10 e 11 de Outubro de 2002 - Universidade Estadual de Maringá (UEM), evento coordenado pela Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Terezinha Oliveira.

# Reflexões sobre o Estudo da Idade Média

Raúl Cesar Gouveia Fernandes  
M. Sc. Letras FFLCHUSP - Prof. Filosofia FEI  
e-mail: [rfernandes@br2001.com.br](mailto:rfernandes@br2001.com.br)

1. Nas últimas décadas, a Idade Média tem suscitado um interesse crescente. Desde os anos 50, aproximadamente, os estudos medievais conquistaram um posto de honra na historiografia, razão pela qual têm sido amplamente divulgados no Brasil; mas essa curiosidade já extrapolou os restritos círculos acadêmicos. Nos dias de hoje, a Idade Média exerce também uma fascinação irrecusável sobre a imaginação do grande público, conforme testemunham a crescente quantidade de publicações de textos literários medievais e o fato de que recriações das narrativas sobre o rei Artur, o Santo Graal ou o mago Merlin sejam atualmente responsáveis por alguns *best-sellers* nas livrarias e por gordas bilheterias nos cinemas: é o sucesso da Idade Média na sociedade de consumo.

Esse interesse é bem compreensível, pois falar da Idade Média é, de certa forma, falar de nós mesmos. Ela representa o longo período de gestação no qual foi criado o mundo moderno: as atuais nações européias, das quais derivamos, juntamente com suas respectivas línguas e literaturas, são parte do legado medieval. Nosso cotidiano está repleto de inovações surgidas naquela época, como as universidades, os bancos, e ainda a imprensa, o relógio mecânico e os óculos. De acordo com Hilário Franco Júnior, devemos à Idade Média inclusive a origem dos modernos sistemas de representação política e os fundamentos da mentalidade científica que caracterizam a civilização ocidental(1).

Pode-se afirmar, portanto, que os estudos medievais também auxiliam a compreender a história e a cultura dos países americanos: a própria expansão marítima, que ocasionou a descoberta do Novo Mundo, tem suas raízes solidamente vincadas na Idade Média. Temas da literatura medieval, como a gesta de Carlos Magno, permanecem vivos ainda hoje na poesia de cordel nordestina; além disso, é sabido que diversos escritores brasileiros de nosso século, entre os quais Manuel Bandeira, Guimarães Rosa e Adélia Prado, beberam fartamente de fontes medievais.

2. Apesar do significativo renovamento dos estudos sobre a Idade Média, ela ainda é muito pouco conhecida, ou — o que é pior — mal conhecida por quem não é especialista. As noções fragmentadas e contraditórias transmitidas na escola permitem que se use (e abuse) de conceitos relativos à Idade Média segundo a conveniência de cada um: desde o militante político que apelida a perversa concentração fundiária brasileira de “feudal”, até os novos “magos” de hoje que procuram se revestir de uma aura “medieval” para vender livros de auto-ajuda.

O fato mais grave, no entanto, é que a Idade Média segue sendo vítima de um grande preconceito. Para muitos, ela ainda representa um período no qual a humanidade, subjugada pela ignorância e flagelada pela peste, viveu oprimida sob o terror das fogueiras da Inquisição. Afinal de contas, continua a ser aceito o rótulo de “idade das trevas”, como se no milênio que permeia a queda do Império Romano e a chegada de Colombo à América não houvesse sido criado nada que fosse digno de nota. Que dizer então do canto gregoriano, da *Divina Comédia* ou dos avanços arquitetônicos que permitiram erguer catedrais ainda hoje admiradas? Muitas vezes estes são detalhes convenientemente esquecidos a fim de justificar um quadro histórico esquemático, segundo o qual deve haver uma época de barbárie que anteceda e justifique o Renascimento do século XVI — e assim equívocos históricos injustificáveis são perpetuados(2). Foi contra essa “lenda negra” que a medievalista francesa Régine Pernoud se insurgiu em seu livro *O Mito da Idade Média*(3).

3. O maior obstáculo ao conhecimento da Idade Média é justamente o arraigado preconceito que nutrimos acerca deste período. Estimulado por uma idéia preconcebida, o estudioso pode incorrer no erro de reduzir a pesquisa histórica à mera seleção de dados que corroborem sua impressão inicial. Acreditamos, por exemplo, ser este o defeito de *O Nome da Rosa*, famoso romance de Umberto Eco ambientado num mosteiro beneditino do século XIV. Embora o autor demonstre possuir conhecimento detalhado de algumas particularidades da cultura medieval, o resultado é no mínimo parcial: foram escolhidos apenas os elementos mais estereotipados do já gasto bordão sobre a Idade Média crédula e obscurantista. O fato de se tratar de um texto de ficção não muda os dados do problema. Veja-se a cena do incêndio da biblioteca ao final do romance: é destacada a destruição de livros, mas esqueceu-se de dizer que, se não fosse pela obra anônima dos monges que preservaram e estudaram com a proverbial paciência beneditina a obra dos escritores antigos ao longo de mil anos, ela não teria chegado até nós(4).

O conhecimento autêntico pressupõe aquela “vontade de nos enriquecermos, de sairmos de nós mesmos” que Henri-Irenée Marrou associava à virtude da

*docilitas*, a humilde demanda da verdade(5). “Sair de nós mesmos”, neste caso, significa estar disponíveis a ouvir com atenção o que os documentos históricos têm a nos revelar, que é o contrário de projetar sobre eles idéias ou teorias preestabelecidas. Com efeito, a verdade pode nos enriquecer apenas se a procurarmos livres de qualquer tipo de censura prévia.

4. Outra fonte de equívocos é a tendência, muitas vezes inconsciente, de interpretar os fatos do passado utilizando critérios ditados pela cultura de nosso tempo, sem cuidar que eles talvez não se apliquem ao período estudado. Qualquer dado histórico manifesta plena e adequadamente seu significado apenas se é observado no contexto do qual faz parte; por isso, é necessário inteirar-se dos valores culturais e sociais da época que o gerou para avaliá-lo com propriedade.

Ora, uma das principais características da Idade Média é sua intensa religiosidade — e a dificuldade de compreensão deste fator fundamental tem sido uma importante fonte de mal-entendidos. Se hoje o fator religioso é percebido como algo estranho à vida, para o homem medieval, ao contrário, a esfera do sagrado era reconhecida presente e encarnada nas contingências da vida quotidiana(6). Congregados pelo irresistível apelo da religião, homens e mulheres de todas as regiões da Europa adquiriram, a partir do século X, a consciência de formar um povo único, uma entidade que pretendia espelhar e prefigurar a ordem celeste: a Cristandade. “Cada um”, observa Daniel-Rops, “trabalhando ao longo de sua existência, tinha a certeza de colaborar numa grande obra que o ultrapassava”(7), contribuindo com sua pequena pedra para levantar a catedral, segundo a imagem utilizada por Paul Claudel(8). A “extraordinária capacidade que os homens da Idade Média tinham de pensar e agir em conjunto” deve-se, portanto, ao fato de que “o sentido da transcendência arrancava o indivíduo da sua condição particular (...) para impulsioná-lo rumo a um ideal absoluto, tal como uma terra santa a ser libertada, uma igreja a ser construída, ou então, com obstinada candura, um herege a ser queimado vivo”(9). Quem negligenciar esse dado prejudicará gravemente sua capacidade de compreensão histórica: como descrever as Cruzadas ou a Inquisição sem levar em conta o fato de que a religião era o cimento da sociedade medieval?

5. Até aqui insistimos sobre a necessidade de se adotar uma atitude de abertura e submissão aos documentos, alertando para o fato de que preconceitos e anacronismos podem distorcer os resultados da pesquisa. De fato, a realidade histórica sempre se revela mais densa, complexa e rica do que certos conceitos dos quais facilmente nos tornamos prisioneiros. Frisar a exigência de fidelidade às fontes, no entanto, não quer dizer que o ofício do historiador seja meramente passivo ou receptivo.

Ao estudioso cabe a tarefa de fazer os documentos falarem. Muitas vezes, o material analisado parece bem pouco eloqüente; a quantidade e a qualidade das informações que serão extraídas dele dependem da habilidade do historiador ao questioná-lo. A pesquisa não se resume à compilação de informações que os documentos já fornecem “prontas”: compete ao estudioso abordá-los adequadamente e formular hipóteses explicativas para os dados observados. Sendo assim, a documentação histórica pode ser considerada uma fonte inesgotável de conhecimentos, pois sempre poderá revelar aspectos até então ignorados se submetida a novas interrogações. É preciso observar, contudo, que o questionamento das fontes é uma habilidade que deve ser desenvolvida, pois atualmente se cultiva mais a dúvida sistemática (que termina por imobilizar a inteligência) do que a atenção genuína aos *porquês* últimos da realidade.

É justamente por ter formulado interrogações que ainda não haviam sido feitas, alargando os horizontes da pesquisa histórica, que a obra de certos medievalistas têm conquistado relevância crescente. Um dos precursores desta renovação foi Johan Huizinga, que — há 70 anos, quando a pesquisa histórica se limitava a temas políticos e econômicos — procurou descrever os ideais, os sentimentos e as formas de pensamento do homem medieval, numa obra que continua estimulante ainda hoje(10). Estava aberto o caminho para a “nova história”, escola à qual se filiam historiadores do porte de Jacques le Goff e Georges Duby.

6. Se o resultado da análise é condicionado pelo questionamento proposto pelo estudioso, conclui-se que a investigação histórica será sempre inevitavelmente plasmada pela personalidade do pesquisador. Os documentos históricos são “testemunhos da experiência de homens do passado”; como tais, solicitam que também a experiência humana de quem os lê entre em jogo para serem compreendidos(11). Quanto mais atento e curioso for o pesquisador, mais fecunda será portanto sua investigação: “o valor do conhecimento histórico é diretamente função da riqueza interior, da abertura de espírito, da magnanimidade de quem o elaborou. (...) O historiador deve ser também, primeiro que tudo, um homem plenamente homem, aberto a tudo o que é humano”(12). E não poderia ser de outra forma: o historiador, em particular o medievalista, lida com elementos que, embora cronologicamente distantes, dizem algo a respeito de sua própria pessoa e da sociedade na qual ele vive.

A pesquisa histórica pode ser descrita, portanto, como um *encontro*. Neste encontro com o outro reconheceremos, para além das diferenças, uma série de afinidades, graças às quais é possível estabelecer um diálogo com o passado. Com efeito, “é nesta tensão entre o mesmo e o outro que o conhecimento da humanidade mais antiga pode continuar a enriquecer nossa existência, num século em que a ansiedade do homem nasce do questionamento de todas as suas



referências fundamentais”. Por isso, a história se escreve “apoiando-se ao mesmo tempo na presença da memória do passado e na compreensão da distância que existe entre esse passado e o presente”(13). Exemplar, neste sentido, é a reflexão de Régine Pernoud acerca das origens medievais dos conceitos de casamento e direitos da mulher, temas que estão no centro de debates cruciais dos dias de hoje(14).

7. A esta altura, o leitor poderá perguntar: se a investigação histórica é produzida no cruzamento entre o “eu” e o “outro”, entre presente e passado, como é possível o conhecimento objetivo da história?

O conhecimento objetivo ou científico do passado pressupõe a adoção de um método seguro, que permita uma abordagem fiel das fontes. Não se deve, entretanto, confundir rigor metodológico com a obsessão positivista de eliminar a possibilidade de interferência da personalidade do estudioso no desenvolvimento da pesquisa para evitar os riscos de uma análise “subjetiva” da documentação. Essa pretensão se revela, em particular no campo das ciências humanas, uma utopia prejudicial: se limitarmos nossa investigação somente àquilo que pode ser considerado “objetivo” ou “comprovado” — conceitos que são, de resto, bastante escorregadios —, terminaremos por reduzir a história a uma coleção de fatos desconexos ou então a simples sondagens estatísticas. Dessa forma, em suma, ficaríamos à margem do que é mais importante conhecer, isto é, o significado dos acontecimentos, das idéias e das experiências dos homens do passado(15).

A neutralidade total do pesquisador é uma meta inatingível: só seria possível na hipótese absurda de que o objeto de estudo lhe fosse inteiramente indiferente (mas então por que estudá-lo?). Imparcialidade não significa aridez; já notamos que a riqueza interior do estudioso é um ingrediente fundamental na elaboração do conhecimento histórico.

Contrariando a estéril tentativa de levar o pesquisador ao estado de ataraxia a fim de garantir a objetividade do trabalho científico, Marrou afirma que entre o sujeito e o objeto da investigação deve haver uma relação de *simpatia* e *amizade*, pois, como já dizia Santo Agostinho, “não se pode conhecer ninguém a não ser pela amizade”. Não se trata, evidentemente, de maquiar o passado, substituindo a “lenda negra” sobre a Idade Média por uma “lenda dourada” igualmente tendenciosa. A simpatia e a amizade de que o autor fala constituem o fundamento da dedicação sincera na tentativa de conhecer o outro como ele realmente é: “a amizade autêntica, na vida como na história, supõe a verdade”(16).

A verdadeira simpatia pelo objeto é, paradoxalmente, uma condição indispensável para gerar em nós aquele desapego necessário no caso de os

resultados da pesquisa contrariarem nossas hipóteses ou expectativas. A humilde disponibilidade de aceitar a verdade tal como ela se nos apresenta, e não como gostaríamos que fosse, é o que Luigi Giussani apelidou de “regra moral” do conhecimento: “amor à verdade do objeto maior que nosso apego às opiniões que já formamos sobre ele”(17).

8. Embora entrem em conflito com algumas idéias atualmente em voga, as sugestões metodológicas propostas pelos autores citados estão em perfeita sintonia com a mentalidade medieval. Se para muitos hoje, o termo *estudo* evoca uma atividade insossa e meramente cerebrina, na Idade Média, como notou Luiz Jean Lauand, o alcance semântico de *studium* era mais amplo: “*Studium* significa amor, afeição, devotamento, a atitude de quem se aplica a algo porque ama”(18).

---

(1). *A Idade Média: Nascimento do Ocidente*. São Paulo, Brasiliense, 1986, pp. 170-179.

(2). Cf. Nunes, Ruy A. da Costa. *História da Educação na Idade Média*. São Paulo, EDUSP, 1979, pp. 9-30.

(3). Lisboa, Europa-América, s / d.

(4). Cf. Dawson, C. *Il Cristianesimo e la Formazione della Civiltà Occidentale*, Milão, Rizzoli, 1997, p. 60.

(5). *Do Conhecimento Histórico*, Lisboa, Martins Fontes, s / d, pp. 85 e 231.

(6). Cf. Giussani, Luigi. *O Senso de Deus e o Homem Moderno*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1997, p. 101 e ss.

(7). *A Igreja das Catedrais e das Cruzadas*, São Paulo, Quadrante, 1993, p. 39.

(8). *O Anúncio Feito a Maria*, Rio de Janeiro, Agir, 1968, p. 28.

(9). Marchi, Cesare. *Grandes Pecadores, Grandes Catedrais*, São Paulo, Martins Fontes, 1991, p. 39.

(10). Cf. *O Declínio da Idade Média*, Lisboa, Ulisséia, s / d.

- (11). Cf. Massimi, Marina. “Partir do Presente”, *in: Litterae Communionis*, 57, maio / junho 1997.
- (12). Marrou, Henri-Irenée. *Op. cit.*, p. 92.
- (13). Fontaine, J. “Face à la Foi des Premiers Siècles”, *in: Delumeau, J. L’Historien et la Foi*, Paris, 1996, p. 116.
- (14). Cf. *A Mulher no Tempo das Catedrais*, Lisboa, Gradiva, 1984.
- (15). Cf. Brooke, Christopher. *O Casamento na Idade Média*, Lisboa, Europa-América, pp. 15-32.
- (16). Marrou, Henri-Irenée. *Op. cit.*, p. 88.
- (17). Giussani, Luigi. *O Senso Religioso*. 2a edição, São Paulo, Companhia Ilimitada, 1993, p. 59.
- (18). *Cultura e Educação na Idade Média*, São Paulo, Martins Fontes, 1998, p. 302.

# INSCRIÇÕES

1. Muito antes de se falar em fontes alternativas de energia<sup>(3)</sup>, já o relógio de sol apregoava:

**A LUMINE MOTUS Movido a luz G05**

2. A objetividade do tempo:

**ABSQUE SOLE, ABSQUE USU Sem sol, sem hora G20**

3. A vida eterna depende do bem agir neste momento (no dizer de Macbeth: "In this shoal of time, we jump the life to come"):

**AB HOC MOMENTO PENDET AETERNITAS Deste momento depende a eternidade G14**

4-5. O convite ao bom comportamento diante de Deus é reforçado pelo fato de não sabermos qual será nossa última hora:

**AB ULTIMA CAVE Cuidado na última hora G16**

**AB UNA PENDET AETERNITAS A eternidade depende de uma hora G18**

6. A vida humana, como o ciclo do dia, tende à morte:

**AD OCCASUM TENDIMUS OMNES Tendemos todos ao ocaso G22**

7. O sol é a alegoria clássica para Cristo:

**ADORA SOLEM QUI NON FACIT OCCASUM Adora  
o sol que não tem ocaso G514**

8-10. Frequentemente aponta-se para a dimensão subjetiva do tempo:

**AFFLICTIS LENTAE CELERES GAUDENTIBUS  
HORAE Lentas as horas tristes, rápidas as alegres G30**

**AMICIS AEQUA IBIT HORA Entre amigos não se sente  
o passar das horas B472**

**AMICIS QUALIBET HORA Para os amigos, qualquer  
hora G43**

11. O relógio louva a si mesmo, como distribuidor harmônico (*temperare*) do tempo:

**ARTE MIRA MORTALIUM TEMPERAT HORAS Um  
admirável aparelho organiza as horas dos mortais G58**

12. A prudente atenção ao presente requer a experiência do passado e a previsão do futuro:

**ASPICE, RESPICE, PROSPICE Veja, reveja, preveja  
G72**

13. Celebração ao surgimento:

**AURORA HORA AUREA Aurora (é a) hora áurea G80**

14. O valor salvífico do tempo:

**BREVES SUNT, SINT UTILES** As horas são breves:  
que sejam úteis B672

15-17. Mensagens bíblicas e religiosas (referentes ao tempo, ao sol, à sombra etc.) também são constantes:

**CADENS SOL NON OCCIDAT SUPER IRACUNDIAM  
VESTRAM** Não se ponha o sol sobre a vossa ira (Ef. 4,  
26) B371

**CHRISTUS SOLUS MIHI SALUS** Cristo é minha única  
salvação G124

**COELI LUX NOSTRA DUX** Do céu a luz nos conduz  
G132

18-19. Nos vazios da existência, Deus, silenciosamente, está presente:

**DEUS HABET HORAS ET MORAS** Deus tem suas  
horas e suas pausas G187

**DEUS MOVET, UMBRA DOCET** Deus move a sombra  
que ensina G189, B245

20. A voz existencialista se faz presente, beirando o desespero:

**DIES NOSTRI QUASI UMBRA SUPER TERRAM (I  
Cro 29, 15)** Nossos dias na terra são como uma sombra  
G209

21. O sutil indicador:

**DIGITUS DEI DUCET ME** O dedo de Deus me conduz  
G216

22. O lúdico:

**DO, SI SOL Dou (a hora) se há sol G226**

23. O salmo:

**DOMINUS ILLUMINATIO MEA (Sl, 26.1) O Senhor é  
a minha luz G232**

24. O pequeno:

**ET PILO SUA UMBRA Mesmo um fio de cabelo tem sua  
sombra G283**

25. Ainda o nihilismo humano:

**EXPLEBO NUMERUM REDDARQUE TENEBRIS  
Completarei meu tempo e retornarei às trevas G293**

26. Ao contrário dos homens:

**FALLERE NESICIO Não sei enganar**

27. Murphy:

**FELICIBUS BREVIS, MISERIS HORA LONGA A  
hora é curta para os felizes e longa para os aflitos G301**

28. O tempo em perspectiva humana, devorador:

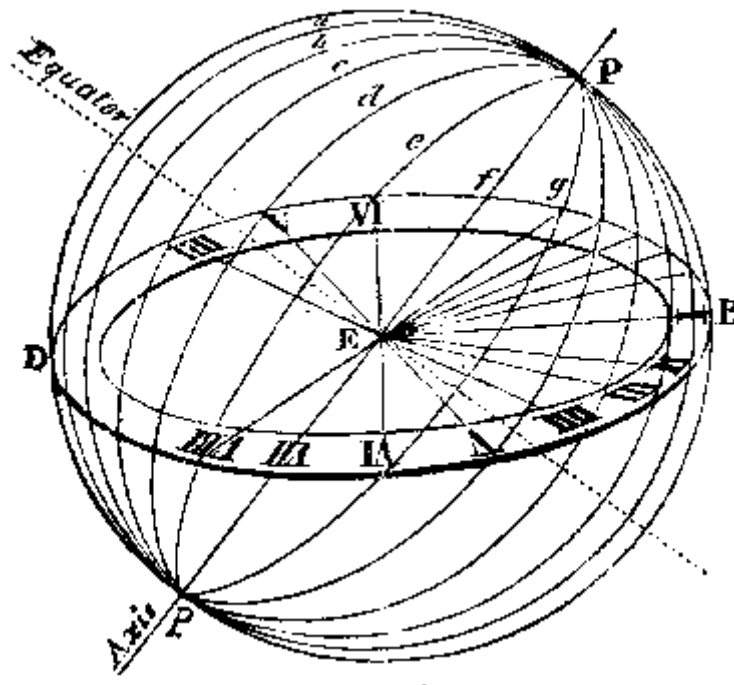
**FERT OMNIA AETAS O tempo tudo leva G305**

29. O dístico beneditino:

**FESTINA LENTE Apressa-te devagar G306,B711**

30. O trocadilho:

**FESTINA MOX NOX Apressa-te, logo será noite G307**



31-32. Ainda o efêmero humano:

**FORSITAN ULTIMA Talvez a (tua) última (hora)?  
G317**

**FORTE TUA Talvez a tua (hora)? G318,B774**

33. O eterno no temporal:

**FUGIT HORA, CARITAS MANET As horas vão,**



**permanece o amor G332**

34-35. Nada é permanente:

**FUGIT HORA, VENIT HORA Hora vai, hora vem**  
G340, B544

**FUGIT, DUM ASPICIS Ela escapa enquanto a fitas**  
G330

36. O conhecido provérbio:

**HOMO PROPONIT DEUS DISPONIT O homem**  
**propõe e Deus dispõe G404**

37. Ainda o subjetivo:

**HORA BREVIS AMICI, LENTA ONEROSI Rápida é a**  
**hora com os amigos; lenta, com os chatos G416,B473**

38. O lúdico no trocadilho alusivo à resposta das ladainhas  
"ora pro nobis", "rogai por nós":

**HORA PRO NOBIS Que a hora nos seja favorável**

39. Em meio ao pessimismo da consideração da  
contingência humana, um poema luminoso:

**HORAS NON NOTO NISI LUCIDAS Não registro**  
**senão as horas luminosas**

40. Vã é a busca do tempo perdido:

**IRREPARABILE TEMPUS O tempo não volta G523**

41. Conformismo:

**ITA VITA Assim é a vida G529,B569**

42. A plenitude da vida:

**JUBILATE DEO Alegrai-vos em Deus G555**

43-45. O trabalho na condição humana:

**LABORA DUM LUCET Trabalha enquanto há luz G602**

**LABORARE EST ORARE Trabalhar é orar G603**

**LEX DEI LUX DIEI A lei de Deus é a luz do dia G647**

46. Outro poema sintético:

**LUCE LUCENTE RENASCOR Quando a luz brilhar,  
renascerei G671**

47. Outra alusão religiosa:

**LUCET OMNIBUS Ele brilha para todos G674**

48-49. Como diz Pro 8, 30-31, a Sabedoria divina cria brincando:

**LUDIMUS, INTEREA CELERI NOS LUDIMUR  
HORA Brincamos enquanto a hora veloz brinca conosco**

**LUDUS LABORQUE COMPOSITA REPETANTUR  
HORA O brincar e o trabalho têm sua hora adequada**

50. Inteligência - etimológica e realmente - é ler dentro (*intus legere*):

**LUMEN IN UMBRA, LUMEN AB INTUS O sentido desta sombra está na luz interior (da inteligência)**

51. Ainda a dialética luz/sombra:

**LUMEN ME REGIT VOS UMBRA Eu sou governado pela luz; vocês, pela sombra G680.**

52. A luz do conhecimento faz-se acompanhar, para o homem, de sombras e mistério:

**LUX UMBRAM PRAEBET, MISTERIA AUTEM VERITAS A luz oferece a sombra; a verdade, os mistérios**

53. O valor do pequeno:

**MAGNI MOMENTI MINUTIAE As coisas pequenas são de grande importância G698**

54. Emaús:

**MANE NOBISCUM, DOMINE, QUONIAM ADVESPERASCIT Fica conosco, Senhor, porque está anoitecendo (Lc 24,29) G708**

55. O silêncio eloqüente:

**MUTUS LOQUOR Falo, calado**

56. O valor dos momentos:

**NE ABUTERE Não a desaproveites G774,B708**

57. Interdependência:

**NE REGO NISI REGAR Não regulo, se não sou  
regulado G816**

58. Outra versão do anseio de felicidade:

**NON HORAS NUMERO NISI SERENAS Só conto as  
horas serenas G811.**

59. Ainda o tesouro do tempo:

**NOS EXIGUUM TEMPUS HABEMUS, SED MULTUM  
PERDIMUS Nosso tempo já é pouco e ainda  
desperdiçamos tanto G824**

60. Bem ou mal, a vida sempre ensina:

**NULLA FLUAT CUIUS NON MEMINISSE VELIS  
Nenhuma (hora) passe que não desejes recordar  
G846,B362**

61-63. A fugacidade:

**NUNC EST HERI CRASTINAE DIEI Agora é o ontem  
de amanhã**

**OMNIA FERT TEMPUS, OMNIA RAPIT TEMPUS O**

**tempo tudo traz; o tempo tudo leva**  
**OMNIA SOMNIA Tudo é sonho G902**

64. Sempre alerta:

**OPTIMA FORTE TIBI Talvez a tua melhor (hora) G919**

65. Uma rima com o lema beneditino:

**ORA ET LABORA, SED HORA Reza e trabalha, mas  
na (devida) hora**

66. Tal como o sol...:

**ORIENTE ORIENS, CADENTE CADENS Nascendo no  
Oriente, acabando no Ocidente G933**

67. O repouso só é repouso em função do trabalho:

**POST LABOREM REQUIES Depois do trabalho, o  
repouso B666**

68-69. Evocando o Eclesiastes:

**PRAETERITUM NIHIL, PRAESENS INSTABILE,  
FUTURUM INCERTUM O passado é nada, o presente é  
instável, o futuro é incerto G990**

**PUNCTUM TEMPORIS OMNIS VITA A vida inteira é  
um ponto do tempo**

70. A morte como consumação:

**QUALIS VITA FINIS VITAE** Tal é a vida, tal seu final

71-72. Outras sentenças bíblicas:

**QUANDO CONSURGES E SOMNO TUO? (Pro. 6,9)**  
Quando despertarás de teu sono?

**QUI MALE AGIT ODIT LUCEM (Jo, 3, 20)** Quem faz o  
mal odeia a luz B207

73. Uma pitada de simpatia:

**SALVE VIATOR, VIDE HORAM** Salve, ó viandante,  
olha a hora

74. Religiosamente:

**SEQUERE DEUM UT EGO SOLEM** Segue a Deus como  
eu sigo o sol

75. Atrasou, dançou:

**SERIO VENIENTIBUS OSSA** Para os atrasados, os  
ossos

76. Sempre de novo a caducidade:

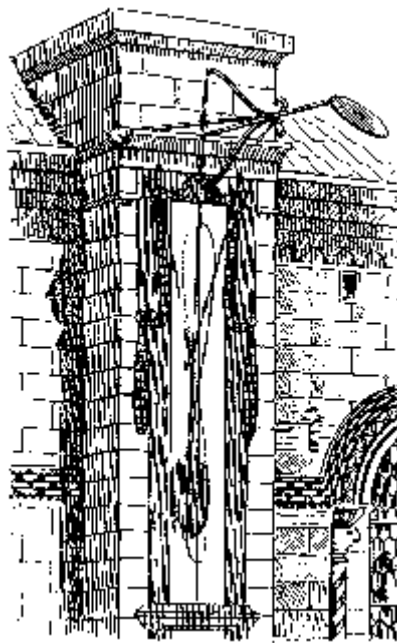
**SIC LABERIS, NON IPSE SENTIS** Assim declinas  
(como as horas) e não reparas B595

77. O relógio, como o homem, anseia pela luz:

**SINE NUBE TIBI QUAE LIBET HORA FLUAT** Que  
cada hora seja para ti sem nuvens G605

78. Alguns registram enigmas:

**SINE PEDE CURRO, SINE LINGUA DICO** Não tenho  
pé e corro; não tenho língua e falo



79. A fé como luz:

**SINE SOLE EGO, TU SINE FIDE NIHIL POSSUMUS  
FACERE** Eu sem sol e tu sem fé, nada podemos fazer

80. Cristo, o sol:

**SOL LUCET OMNIBUS** O sol brilha para todos

81. A sombra como luz:

**SOL ME VOS UMBRA REGIT** Eu sou guiado pelo sol;  
tu, pela sombra B241

82-84. Jogos com "sol":

**SOL SOLUS NON SOLI** O sol é único, mas não para um só

**SOL SOLUS SOLES SOLARI** Só o sol sói consolar

**SOLI SOLI** Só ao sol

85. Para a mentalidade alegórica dos antigos o relógio é um modelo da vida humana:

**SPECULUM VITAE** Sou o espelho da vida

86. As horas de cada um:

**SUA CUIQUE HORA** Cada um tem sua hora B942

87. Ainda os jogos com "sol":

**SUM SI SOL SIT** Sou se o sol está

88. Tarda mas não falta:

**TARDA SAEPE SED CERTA VERITAS AC JUSTITIA**  
**VENIT** A justiça e a verdade freqüentemente tardam,  
mas não faltam B186

89. A luz sobrenatural:

**TE REGAT ALIA LUX** Que outra luz te guie B336



90. Jogo:

**TEMPORA TEMPORE TEMPERA Oportunamente  
aproveita as épocas**

91. Deus falando...:

**TEMPORIS MEMOR MEI, TIBI POSUI  
MONITOREM Cuida de meu tempo, para isto te dei este  
medidor**

92. O reverso do tempo que passa:

**TEMPUS AETERNITATEM EMIT Com o tempo se  
compra a eternidade B366**

93. O tempo imagem da eternidade:

**TEMPUS FUIT EST ET ERIT O tempo foi, é e será**

94. O império do tempo:

**TEMPUS RERUM IMPERATOR O tempo rege todas as  
coisas**

95. O que passa e o que fica:

**TRANSIT HORA, MANENT OPERA As horas passam,  
as obras ficam**

96-99. O jogo luz/sombra como imagem da criatura que

procede do Ser a partir do nada:

**UMBRA MONET UMBRAM A sombra avisa a sombra  
(que és tu)**

**UMBRA SUMUS Sombra somos B302**

**UMBRAE MULTAE, LUX EST UNICA As sombras são  
muitas; a luz, única**

**VIVENTIBUS LUMEN SOLIS. DORMIENTIBUS  
LUMEN DEI Para os que vivem, a luz do sol; para os  
que dormem, a luz de Deus**

100. Despertar para o sentido do que se faz:

**VIVERE MEMENTO Lembra-te de viver B446**

---